



O MÉTODO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA: APORTES TEÓRICOS INICIAIS

Denis Guimarães Pereira
Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

A Fenomenologia enquanto área da filosofia teve, a partir do século passado, seus pressupostos imbricados com a Psicologia, resultando no que conhecemos como Psicologia Fenomenológica. A partir daí, o olhar da Fenomenologia passa a fazer parte do contexto clínico e de pesquisa em Psicologia. O objetivo deste artigo é trazer os parâmetros utilizados pelo método fenomenológico-psicológico de pesquisa em Psicologia, idealizado pelo pesquisador americano Amedeo Giorgi. São trazidos os fundamentos do método fenomenológico em si mesmo constituído por três passos e o do método fenomenológico-psicológico estabelecido em quatro passos. Percebe-se a pluridimensionalidade de fatores considerados relevantes para a utilização do método na pesquisa psicológica. Compreende-se que a partir dos pressupostos metodológicos, pode-se atingir o cerne da questão da pesquisa: a intersubjetividade considerada como elemento fundamental para a consecução de pesquisas qualitativas em Psicologia.

Palavras-chave: Fenomenologia, Método fenomenológico de pesquisa, Psicologia fenomenológica, Intersubjetividade.

Abstract

Phenomenology as an area of philosophy had, from the last century, its assumptions imbricated with Psychology, resulting in what we know as Phenomenological Psychology. Thereafter, the view of Phenomenology becomes part of the clinical and research context in Psychology. The objective of this article is to bring the parameters used by the phenomenological-psychological research method in Psychology, idealized by the American researcher Amedeo Giorgi. The fundamentals of the phenomenological method, consisting of three steps and the phenomenological-psychological method established in four steps, are presented. It is perceived the pluridimensionality of factors considered relevant for the use of the method in psychological research. It is understood that from the methodological assumptions, it is possible to reach the heart of the research question: intersubjectivity considered as a fundamental element for the achievement of qualitative research in Psychology.

Keywords: Phenomenology, Phenomenological research method, Phenomenological psychology, Intersubjectivity.

Compreendendo a Fenomenologia em seus parâmetros iniciais

A Fenomenologia e seus parâmetros iniciais tiveram início marcado no século XX. A partir desse evento, nasce a Fenomenologia como movimento filosófico, tendo como alicerce a obra de Edmund Husserl – *Investigações Lógicas*, (1859-1938)



(VIDOTTI, 2017). Surgiu como uma crítica ao positivismo e ao método experimental que se mantinha em apenas observar o fenômeno empiricamente pesquisado. O grande marco da Fenomenologia, sem dúvida, dá-se a partir do momento em que Husserl apresenta a elaboração e o desenvolvimento da ideia de “crise” e suas discussões sobre o projeto de uma “ciência rigorosa”, ideias que vieram suscitar novos pontos de vista acerca dos fundamentos da ciência, especificamente como a “crise” das ciências europeias, que foi compreendida pelo mesmo autor como o fracasso das ciências naquilo que concerne ao entendimento ou compreensão do humano, ressaltando, nesse ínterim, que essas ciências haviam se transformado em técnica (HOLANDA, 2014).

Mas a que crise esse pensador se referia? A crise da Filosofia, a crise das Ciências Humanas e a crise das Ciências Exatas. Ora, sabe-se que ocorria à época uma radical separação entre Filosofia e Ciência, consideradas como detentoras da exclusividade dos dois extremos, se assim podemos conceber: à Ciência, a exterioridade, o objetivo; à Filosofia, a interioridade, o subjetivo (CASTRO, 2009; FORGHIERI, 2011).

Do ponto de vista etimológico, **Fenomenologia** é derivada das palavras de raiz grega *phainomenon* (fenômeno) e *logos* (ciência ou estudo). É, portanto, o estudo ou ciência do fenômeno, ou seja, aquilo que se manifesta, que “se mostra”, “que vem à luz”, aquilo que aparece” para uma consciência (FERNANDES, 2011; TOURINHO, 2011; HOLANDA, 2014)

Assim sendo, o fenômeno não é compreendido como o objeto de uma experiência, o aparecer do objeto para a consciência, ou seja, não é tratado como um dado em si, independente da experiência, uma vez que está sempre correlacionado à determinada vivência (GIORGI & SOUZA, 2010; HOLANDA, 2014). Desse modo, o fenômeno sempre será dado por meio da perspectiva de quem o vivencia, sempre em relação a uma subjetividade, única e singular. Caracterizando-se como crítica à Psicologia objetivista e experimental, que – como as demais ciências – buscava o conhecimento absoluto ignorando a subjetividade. Ao propor isso, a ciência constrói uma imagem de homem que não condiz com a sua realidade. O homem não é uma coisa entre as coisas e não pode ser assim considerado. O mundo é um objeto intencional com referência a um sujeito pensante (CASTRO, 2009).



Nesse sentido, a Fenomenologia pode ser compreendida como o processo de desvelar os sentidos, compreendendo o mundo da forma como se apresenta à consciência, como fenômenos dotados de significados (HOLANDA, 2009).

Para Husserl, a Fenomenologia era uma nova forma de fazer Filosofia, na qual se deixam de lado especulações metafísicas abstratas para se entrar em contato com as “próprias coisas”, com destaque à experiência vivida (MOREIRA, 2002). Pode ser compreendida como um método que pretende chegar ao fenômeno, a fim de captar sua essência (FORGHIERI, 2011). Assim, sua proposta foi um retorno “às coisas mesmas”.

Seu objetivo seria a investigação e a descrição de fenômenos que são experienciados pela consciência, com enfoque exclusivo a eles, deixando de lado o uso de teorias, pressuposições, explicações casuais e preconceitos, explorando simplesmente o fenômeno tal como é dado à consciência (MOREIRA, 2002; VALLE, 1997). Buscam-se não a verificação e o estabelecimento de relações causais, mas a construção de uma compreensão de algo (AMATUZZI, 2011; VALLE, 2001). Dessa forma, emerge o conceito de intencionalidade elaborado por Husserl, como apresenta Peixoto (2011), uma vez que, para a Fenomenologia, toda consciência é consciência de alguma coisa e, desse modo, é intencional, um ato de visar, de abarcar algo. A intencionalidade é um transcender, é objetivar uma outra coisa que não seja a própria consciência, por isso podemos considerar como vivência, consciência e mundo. O mesmo autor ressalta a proposta de Husserl acerca do conceito de intencionalidade em que esse último revela: “Não significa nada mais que essa particularidade fundamental e geral que a consciência tem de ser consciência de alguma coisa, de conter, em sua qualidade de cogito, seu *cogitatum* em si mesma.” (PEIXOTO, 2011, p. 158)

O fenômeno pode ser encontrado no *mundo vivido*, experiência básica do ser humano (FORGHIERI, 2011). Como apresenta Valle (1997, p. 35) por *mundo vivido* Husserl designa a “presença imediata do homem à realidade, o mundo cotidiano no qual a vida se desenrola, o mundo tal como é encontrado na experiência cotidiana, cenário de todas as atividades humanas”. Desse modo, o fenômeno mostra-se ao se experienciar o mundo. A consciência dessa coisa que se mostra é o que permite ao homem ver o objeto (VALLE, 1997). A importância de se mostrar o fenômeno da forma como ele se mostra



consiste em trazer para o nível da consciência o que antes era vivido apenas de forma pré-reflexiva (AMATUZZI, 1996).

O fenômeno inclui todas as formas de se estar consciente de algo, como pensamentos, sentimentos, desejos e vontades, sendo tarefa da Fenomenologia investigar como algo percebido, recordado, representado, simbolizado se apresenta (MOREIRA, 2002). Destaca-se que a pesquisa fenomenológica pode ser compreendida como uma forma de pesquisa qualitativa que “designa o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado; ou qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método”. É a pesquisa que lida, portanto, com o significado da vivência (AMATUZZI, 1996). A pretensão de uma pesquisa fenomenológica seria, portanto, conhecer melhor determinado objeto – objeto da experiência consciente –, no caso da Psicologia, um mundo vivido comum, situado em redes significativas associadas (GOMES, 1998).

Assim, a Fenomenologia, em busca da experiência vivida, como fundamento teórico e metodológico, apresenta-se como um modelo adequado para as Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, quando estas buscam investigar o sujeito em seu contexto de vivência, tendo o homem como protagonista (SANTOS, 2016; ANDRADE & HOLANDA, 2010).

Psicopatologia Fenomenológica

A partir de uma pesquisa fenomenológica voltada ao homem como ser único, mais precisamente a uma pesquisa direcionada as ciências da saúde, é imprescindível compreender como se constitui a Psicopatologia Fenomenológica. De modo breve, Tatossian e Moreira (2012) definem a Psicopatologia como a patologia das doenças mentais ou como estudo, causa ou natureza das doenças mentais. **Psic(o)** – vindo grego *psyché*, que significa **alento, sopro de vida, alma**. Patologia – afecção, dor – também provém do grego *pathos*, que significa **doença, paixão**. Corroborando essa acepção, Valverde (2011) compreende-se que *pathos* não pode ser entendido meramente como doença, no sentido em que se contrapõe à ideia de saúde, indo de encontro ao que a Organização Mundial de Saúde entende como díade saúde/doença. Quando se trata de falarmos sobre Psicopatologia, devemos levar em consideração as palavras de Karl



Jaspers, que em sua obra *Psicopatologia Geral*, publicada em 1913, recoloca o valor central no humano e faz críticas às posturas do relativismo pós-modernista, à incapacidade de a Psicologia e a Psicopatologia reconhecerem o humano, assim como a uma ciência “não científica”. A partir de tais concepções, Jaspers nos permite ter um olhar diferenciado sobre o humano, respeitando sua diversidade e suas especificidades, seus sistemas relacionais e nucleares que impactam no desenvolvimento da pessoa, pensando no humano sob o viés de uma perspectiva inclusiva. É importante pontuar de que forma Jaspers atribuía o sentido à Psicopatologia e com o que ela deveria realmente se preocupar. Como as críticas que ainda hoje são desprezadas nas mais diversas áreas que envolvem Psicologia e Psicopatologia,

Jaspers pensou sobre o sentido da Psicopatologia, i.e., que função teria o adoecer psíquico. Este factor continua hoje a ser uma procura essencial da Psicopatologia não ‘cérebro centrada’ e não ‘fármaco centrada’. É óbvio que, nestes tempos, esta procura é secundarizada pelo discurso dominante na academia e na sociedade. Para este discurso o que interessa é catalogar o sujeito num qualquer sistema de classificação de doenças mentais, preferencialmente no modelo DSM, cada vez mais cuidadoso em considerar doença tudo o que possa ser medicado i.e., a quase totalidade da vida psíquica do humano. Um dos instrumentos fundamentais para lutar contra a centração na doença, olhando o humano como estando doente, transitório, e não como sendo doente, definitivo, é o retomar do pensamento de Jaspers. (TEIXEIRA, 2015, p. 56)

Nota-se que todo conceito de Psicopatologia gira em torno da noção de normalidade, como revela Feijoo (2015), e os cientistas modernos, o próprio é o saudável, um estado de equilíbrio, homeostase, sendo de ordem biológica ou psíquica. Já o impróprio seria o patológico, o que foge das normas e manifestam-se como patologias psíquicas ou biológicas que recebem classificações de acordo com os sintomas que estão citados em manuais e que seguem códigos correspondentes a doenças mentais. Dessa forma, a existência seria dada a partir de manuais que descrevem, caracterizam e determinam o comportamento normal do comportamento patológico.

A concepção fenomenológica concebida por Tattosian (2016) apresenta uma visão entre patológico e humano, e não entre patológico e normal, uma vez que a norma fenomenológica diz respeito aos fenômenos e que o objeto da Psicopatologia não é o simples desvio de comportamento, clarificando que o comportamento está



potencialmente presente no ser humano; dessa forma, há premência de um olhar mais amplo sobre o humano e sua humanidade. Após o entendimento desse olhar no sentido mais abrangente do sujeito, do outro, do ser que faz parte da Ontologia, junto da Hermenêutica – a busca pela interpretação, e com isso uma análise sucinta do que essa pessoa está nos trazendo em seus discursos –, então podemos adentrar a Ontologia Hermenêutica de Martin Heidegger e seus pressupostos de análise.

Martin Heidegger

O filósofo alemão Martin Heidegger nasceu na cidade de Messkirch, em 26 de setembro de 1889, região de Baden (sul da Alemanha). Teve sua formação filosófica realizada na Universidade de Freiburg-im-Breisgau. Nessa instituição, foi aluno de Edmund Husserl, criador do método fenomenológico, e de Ricket, estudioso da Filosofia da Grécia Antiga. A partir da leitura de Brentano na obra *Sobre os diversos sentidos do ente segundo Aristóteles*, há um despertar de seu interesse pela Filosofia. Estudou obras de Nietzsche, Kierkegaard e Dostoiévski, além do interesse por Hegel e Schelling, pelos poemas de Rilke e Trakl e pelas obras de Dilthey. Tais estudos levaram-no a questionar a orientação da metafísica ocidental (CASTRO, 2009).

Esse pensador pretende e recoloca a questão do ser, um dos pilares fundamentais da Filosofia. O filosofar heideggeriano é uma interrogação constante sobre essa temática. Heidegger (2013) propõe-se a tratar da questão do sentido do ser, ou seja, buscar a noção de homem em sua singularidade a partir do que chamou de *Dasein* (presença), que, como totalidade estrutural, mostra-se na cotidianidade mediana, imprópria e impessoal, porém sempre como abertura para possibilidades de outras formas de vir a ser-no-mundo, quais sejam: próprias e impróprias. A presença constitui-se em um ente aberto às possibilidades, logo em liberdade em seu modo de ser. Assim, a expressão “ser-no-mundo” aponta, primeiramente, para um fenômeno de unidade, e é desse modo que devemos compreendê-la. Ser-no-mundo deve ser entendido como uma estrutura de realização do ser.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger (2013) faz uma abordagem, a partir do método fenomenológico, sobre a questão do ser, de onde faz seu ponto de partida. Pelo próprio homem, o filósofo aponta que esse é o caminho pelo qual o ser dá-se a conhecer. A



solidão do homem propicia o interrogar a si mesmo, colocando-se como centro da questão e, assim, refletindo sobre ele mesmo. É quando o ser se mostra, quando o ser se desvela. Desvendar o ser em si mesmo, partindo da existência humana (*Dasein* – Ser-aí) é o objetivo da reflexão filosófica desse autor. O ser do homem não pode ser identificado por meio da objetividade, sofrendo o reducionismo da Filosofia ocidental. O *Dasein* não pode ser considerado como objeto, uma vez que ele é o ente que possui o ser-das-coisas, para o qual as coisas estão presentes. O *ser-aí* é um ser de possibilidades. É sempre aquilo que pode ser.

Assim, observa-se em sua obra *Zein und Zeit* (HEIDEGGER, 2013) o retorno da Filosofia para o ser (ontologia), que, doravante, estaria aberto, livre, pronto para eleger o que frente a ele se apresentasse. Ser-no-mundo é morar no mundo e não estar tenuamente ligado a ele. “Ser”, para Heidegger, é ser as próprias possibilidades: é fazer-se ser. Alguns aceitam as coisas assim como são, sobrevivem apenas, “vivem” o seu cotidiano sem grandes inquietações, sem voltar-se sobre si mesmos. Outros, ao contrário, “existem”, testam os limites da vida, lançam perguntas, indagam, enriquecem o ser, angustiam-se, querem fugir do tédio e da ansiedade, sensibilizam-se.

Na primeira parte da obra *Ser e Tempo*, Heidegger (2013) descreve a vida cotidiana do homem, considerada por ele como uma forma de existência inautêntica constituída por três aspectos: facticidade, existencialidade e ruína. A inautenticidade refere-se ao distanciamento do homem de sua condição real, de como ele se ocupa do mundo e distrai-se de sua condição enquanto um ser mortal. A autenticidade é justamente quando o homem pode conviver com sua condição enquanto ser-para-a-morte. O homem é um ser de possibilidades infinitas, as quais ele vai “escolhendo” realizar enquanto vive, mas essa possibilidade da morte é a única que lhe é dada como certa. Na segunda seção de sua obra, surge a noção de *angústia*. Esta se faz presente quando o homem passa a assumir-se nessa projeção futura da morte. A angústia, segundo Heidegger, possibilita que o homem possa resgatar-se do viver cotidiano indo ao encontro de sua totalidade. Ela está sempre presente tanto no distanciamento quanto na aproximação do “eu”, podendo ser vivida como medo no distanciamento. O filósofo vai fazer referência acerca do que denomina com o termo *existencial*. Primeiramente, *existencial* diz respeito ao ser-no-mundo, estrutura de realização que possibilita a “visão



penetrante da espacialidade da *presença*”(IDEM). Outro existencial é o *ser-em*, que transcende a noção ôntica da inclusão no espaço; que diz respeito a um estar junto, lançado em um mundo que se habita, sem que se possa ter tido a possibilidade da escolha, e esse estar-lançado da presença em um mundo que não foi escolhido e que, por sua vez, pode revelar-se inóspito ou não Heidegger nomeia como facticidade.

Heidegger (2013) caracteriza a facticidade do *Dasein* como sendo o ser lançado em um mundo sem que lhe seja propiciada a possibilidade de escolher país, cidade, família e classe social. Dessa forma, o *Dasein* estará submetido a contingências políticas, econômicas e sociais, culturais e históricas (CASTRO, 2009).

Outro elemento vem juntar-se aos anteriores: mundo. Em relação a isso, Heidegger vai fazer uma distinção acerca da concepção de mundo considerado ôntica e ontologicamente. Assim, enquanto no conceito ôntico mundo é o elenco das coisas que nele estão, configuradas e descritas, ao conceito ontológico, para conceituar mundo de acordo com Heidegger, torna-se necessário compreender outro termo: mundanidade. Segundo o próprio autor, mundanidade constitui-se “na estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2013); no dizer de Forghieri (2011), “o conjunto de relações significativas dentro do qual a pessoa existe”. A *presença*, assim compreendida, não existe por causa do mundo ou o mundo por sua causa, mas já se encontra em um mundo, como parte essencial de sua existência; daí o termo **ser-no-mundo**.

Três esferas fundamentais e simultâneas constituem a espacialidade existencial da *presença*: o mundo circundante, o mundo das relações e o mundo pessoal, sendo o primeiro (mundo circundante) o relacionamento que o homem estabelece com o meio, com o ambiente, e envolve tudo o que de concreto está presente nas situações vivenciadas pela pessoa. Heidegger (2013) considera que, tendo em vista a existência revelar-se como a essência da *presença*, esta somente poderá ser analisada em sua relação com os outros, ou seja, a partir de seu mundo de relações. O autor considera essa como a mais fundamental característica do existir humano.

Heidegger (2013) apresenta ainda outro termo: preocupação. A preocupação remete ao ser como co-presença dos outros no encontro que se realiza no mundo das relações. Também designado como solicitude, pode apresentar-se autêntica ou



inautenticamente. Inautêntica quando domina e faz do outro dependente, realizando as suas escolhas por ele, caracterizando um “saltar sobre o outro”. Autêntica, quando possibilita o processo de crescimento do ser, não o substitui, caracterizando um “saltar diante do outro”, possibilitando ao outro ser ele mesmo. O pensamento heideggeriano aprofunda-se ainda mais distinguindo outros termos que caracterizam o ser-no-mundo: disposição, compreensão e discurso. A disposição ou humor é o existencial a partir do qual a presença depara-se com sua abertura, com sua possibilidade. A compreensão, por sua vez, revela a presença a si própria, tornando-a capaz de ser, conduzindo-a às suas possibilidades, uma vez que possui a estrutura existencial de projeto, que se refere à abertura do ser-no-mundo e, desse modo, de acordo com Castro (2009, p. 76), “na compreensão do mundo se faz compreendida, então, a própria existência”. O discurso, por sua vez, é onde o fenômeno mostra-se a si mesmo.

Heidegger, em *Ser e Tempo*, a partir do fenômeno da morte, tal como se mostra em seu pensamento, afastar-se-á da concepção mecanicista e exterior até então vigente. O seu ponto de partida é a interpretação da morte como um fenômeno da vida. “A morte [assinala Heidegger (2013)] no sentido mais amplo, é um fenômeno da vida”. Para quem é obstinado, a vida continua a ser só vida. Para eles, a morte é morte, e somente isso. Mas o ser da vida é, ao mesmo tempo, o ser da morte. Percebe-se que tudo o que começa a viver também começa a morrer, ou seja, a morte é, simultaneamente, vida.

O interesse de Heidegger (2013) no que concerne à morte não reside tanto na determinação da morte em seu aspecto de terminalidade ou algo meramente pontual – o ato mesmo de morrer – mas como a certeza propriamente dita em nosso viver. Dessa forma, o que interessa a Heidegger não é tanto a morte ser um acontecimento terminal, mas a morte ser uma estrutura da existência humana. O que interessa, na realidade, não é uma análise ôntica da morte, mas uma análise ontológica ou, como ele denomina, uma análise existencial. A compreensão ontológico-existencial revela a morte como uma estrutura do ser do homem, um existencial do próprio homem em sua estrutura existencial de ser-para-a-morte. Heidegger (2013) distingue o tempo como uma questão a ser considerada. Na temporalidade, existe a dimensão que, no pensamento heideggeriano, é fundamental da existência humana, uma vez que é aí que o *Dasein* encontra condição de realização em suas possibilidades de vir-a-ser. Na reflexão desse



filósofo, há sempre, no *Dasein*, uma tensão constante, presente, resultando em uma inquietação relativa ao tempo, entre aquilo que o *ser-aí* é, o seu devir e seu passado. A vivência da temporalidade pode dar-se na inautenticidade assim como na autenticidade. A vivência da autenticidade da temporalidade dá-se por meio da inquietação, que possibilita com que o homem ultrapasse o estágio da angústia e retome o seu destino em suas próprias mãos. A inautenticidade dá-se no distanciamento de si próprio, como se fosse levado pelo destino.

Alguns conceitos/ideias são considerados fundamentais na Ontologia Heideggeriana. Entre eles, podemos citar: viver como homem é jamais alcançar qualquer fixidez; afinal, habitamos em um mundo inóspito, somos lançados no mundo, e ser-no-mundo como homens é habitar essa inospitalidade. Assim, no pensamento desse filósofo, a não pertença ao mundo, seja este natural ou artificial, é vivido pelo homem como uma experiência de desalojamento, desamparo que ele quer a todo custo superar. Entretanto esse desamparo é a condição de liberdade para o próprio homem (CASTRO, 2009).

Considerando esses aspectos, Heidegger (CASTRO, 2013) revela que a experiência da vida é, originalmente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitalidade do mundo, da liberdade, e que a segurança não está em parte alguma. Contudo, em seu pensamento, não caracteriza esse aspecto anteriormente descrito como deficiência do existir como homens, mas sua condição, quase como sua natureza. Para o filósofo, o ser do homem pode ser conhecido a partir de seu discurso.

Trabalhar com o discurso significa opção pela linguagem, e em Heidegger (2013) a linguagem não é apenas um meio de expressão ou, como ele mesmo diz: o meio de um organismo se manifestar. Ele afirma que a linguagem é a morada do ser porque, para ele, o que existe antes de tudo é o ser, sendo que o pensamento pode promover a relação do ser com o homem, e a linguagem é parte decisiva desse encontro. Para pensar a linguagem, é preciso penetrar na fala do ser, a fim de conseguirmos morar na sua linguagem, isto é, na fala de outro ser, e não na nossa. Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual pode ou não acontecer que, a partir desse âmbito, a linguagem do outro nos confie o modo de ser desse outro, a sua essência. Entregamos a fala à linguagem. Dessa forma, “não queremos fundamentar a linguagem com base em



outra coisa do que ela mesma nem esclarecer outras coisas através da linguagem” (HEIDEGGER, 2013, p. 385).

Pensar a linguagem significa alcançar de tal modo a fala que ela aconteça como o que concede e garante uma morada para a essência, para o modo de ser dos homens. A dificuldade da resposta, se é que existe, está exatamente em tornar demonstrável algo já dado que apenas se revela, isto é, desvela o já existente e inerente ao ente. O ser humano, ao ser lançado no mundo, sem a sua participação, “nu”, torna-se a própria angústia. O *Dasein*, o próprio ser do sujeito existente, conforme Heidegger (2009), é o objeto sobre o qual recai a inquietação. Esse *estar-aí* concreto, singular e inacabado, instável, tem consciência de que pode ser sempre mais, que é potência, aristotelicamente falando, mas que não basta a si mesmo. Não é ato. É projeto, possibilidade, salto no abismo. Enquanto que as coisas singulares pertencem ao mundo uma vez que se inserem em uma rede de correspondências, de significações (cada coisa é remetida para outras, como efeito, como causa, como instrumento, como sinal etc.), o mundo como tal, no seu conjunto, não tem correspondências, é insignificante; a angústia registra essa insignificância, a gratuidade total do fato de o mundo existir. A experiência da angústia é uma experiência de “desenraizamento”.

Vale dizer, ser-no-mundo é pertencer ao mundo, sem, contudo, reconhecer-se pertencendo. É não se sentir em casa, como diz o próprio Heidegger (2013), quando se refere à estranheza na angústia. Na angústia se está estranho. Eis a *presença* na angústia. A tempestade do ser, como apresenta Castro (2009).

Um ponto fundamental em Heidegger (2013) é no que se refere ao cuidado como constituindo a própria dimensão do ser da *presença*, o pôr-se para fora: é o *ec-sistir*, movimento do existir. O cuidado – como processo de constituição da *presença* – dá-se no acontecer, isto é, no tempo. Cuidar constitui-se no exercício da preocupação com o acontecer. O cuidado constitui-se no movimento do existir, na abertura do ser do ente. O fechamento do ser do ente, a “escassez” da *ek-sistência*, significa dizer que se é mais do “ente” do que do “ontos”.

No percurso da análise, sob a lente da Fenomenologia Existencial possibilita-se ao pesquisador assumir o lugar de mensageiro do discurso do sujeito, em um processo mútuo de corresponder e desprender, tal como entendido por Heidegger em sua



perspectiva ontológica. No corresponder, a fala desprende-se quando escuta. No desprender, a escuta dá-se simultaneamente com o responder. Compreende-se que é desse modo que se dá o processo de “escutas e falas” do pesquisador e do participante.

A ontologia hermenêutica de Heidegger é que serve de base à análise dos dados e se dá no sentido de compreender esse acontecer “*ontos*” e ente, no sentido do cuidado. Trata-se de que se exerça o *preocupar-se*, com o pesquisador participando do acontecer do participante. Na compreensão, cuidando do acontecer, acontece o reconhecimento do sentido mais próprio ou impróprio do verbalizado pelo outro. Ocupar-se do acontecer e do cuidar. Assim, entrega-se o ser-á às suas possibilidades mais próprias, ao mesmo tempo que se entrega o homem ao mundo, constituindo-se em um estar-lançado. O mundo próprio constitui-se com suas próprias possibilidades e limites. Uma pesquisa, nessa perspectiva, não pensa em termos de realidade, mas de possibilidades. Nada é a priori. O processo de análise deverá acontecer no decorrer do desenvolvimento da pesquisa. O objetivo do percurso metodológico, mais precisamente no delineamento do estudo, é proceder à descrição fenomenológica de como, para aquele ser no mundo, foi vivenciar o fenômeno, como vivenciou essa experiência subjetiva, tal como as lembranças lhe surgem à consciência, de modo que se possa chegar ao significado dessas vivências do sujeito, desse ser no mundo, que as protagonizou.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser mensurados, centrando-se na compreensão e na explicação da dinâmica das relações sociais (MINAYO, 2014; FONSECA, 2002). Esse tipo de pesquisa é focada nos significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014) do ser, por meio do método fenomenológico. É privilegiada pelo fato de ser o melhor meio para a compreensão da vivência das pessoas. Giorgi e Souza (2010) referem que o conhecimento narrativo está direcionado para as vicissitudes das intenções humanas. Se, por um lado, o conhecimento paradigmático preocupa-se com provas empíricas e com verdades universais, o narrativo move-se pelos meios da verossimilhança e do sentido da vida humana. Não se está, assim, buscando a verdade empírica, da relação causa e efeito, na promoção da dicotomia sujeito/objeto, mente/corpo, mas se reconhece a interdependência dessas instâncias. O significado da existência humana é construído a



partir da experiência e dos estados intencionais do sujeito, assentados em sistemas simbólicos da cultura, que acionam os processos de interpretação da vida cotidiana.

Caracterizando o processo de pesquisa

A partir deste momento, vamos caracterizar o processo de pesquisa no qual foram embasados todos os estudos apresentados nesta obra. Seria, por assim dizer, o percurso metodológico utilizado por todos os pesquisadores.

Delineamento do estudo

Considerando que os estudos pretenderam compreender sentidos e significados das vivências dos participantes presentes em seus discursos, tornou-se necessário aplicar a investigação qualitativa. O objetivo de cada pesquisa é proceder à descrição fenomenológica de como foi receber essa comunicação, como vivenciaram essa experiência subjetiva, tal como as lembranças lhes surgem à consciência, de modo a que se possa chegar ao significado dessas vivências dos sujeitos que as protagonizaram.

A pesquisa qualitativa é compreendida por ir além do que é mensurado ou quantificado, o que a diferencia da pesquisa quantitativa, seu nicho principal é a dinâmica das relações sociais.

A pesquisa qualitativa, por meio do método fenomenológico, foi privilegiada na presente obra pelo fato de ser o melhor meio para a compreensão da vivência das pessoas diante de situações que as retiram de seu lugar seguro ou do lugar em que se encontram em determinado momento. Para Giorgi e Souza (2010) torna-se premente considerar o conhecimento narrativo como o que compreende de modo mais amplo as dificuldades cotidianas do ser humano. A ciência baseada no método cartesiano caracteriza-se pela busca incessante de provas empíricas e generalização de resultados, o narrativo, por sua vez, adentra pela busca do sentido da vida. A busca não é, nesta perspectiva, por *Veritas* (a verdade absoluta), mas por *Aletheia* (a verdade relativa), onde não é fortalecida a dicotomia sujeito-objeto, pelo contrário, é reconhecida sua interdependência. A vida adquire seu sentido no experienciar as situações cotidianamente e no olhar do homem sobre si mesmo e o que está ao seu redor,



amparado nas questões culturais, que possibilitam a cada um de nós atribuir significado ao existir.

Método fenomenológico de pesquisa em Psicologia

O método fenomenológico de pesquisa em Psicologia segue o conceito epistemológico de consciência intencional. Além disso, introduz algumas mudanças em relação ao método filosófico, de modo a que este possa ser transportado para o contexto da investigação científica (PEREIRA & CASTRO, 2017; GIORGI & SOUZA, 2010; MARTINS & BICUDO, 2005)

Em seguida, apresentamos a concepção de Giorgi e Souza (2010) acerca dos passos preconizados para o método.

O primeiro passo	adquirir as descrições de outros sujeitos. O crucial neste momento é que se pretende conciliar dois aspectos: seguir o requisito fenomenológico de valorizar as descrições acerca do vivido, da experiência, salientando o sentido de como estas se apresentam à consciência do sujeito. Entretanto, são mantidos passos metodológicos que nos permitem enquadrar o processo de investigação em critérios unicamente considerados na comunidade científica. O método mantém uma componente descritiva, no sentido em que o resultado final do processo de análise do protocolo reflete uma descrição em síntese dos significados psicológicos essenciais da experiência dos participantes da pesquisa.
No segundo passo	será realizada a redução fenomenológica-psicológica. Nesse momento se considera o uso da <i>epoché</i> , ou seja, a suspensão da atitude natural, e da redução fenomenológica-psicológica. O sentido da redução é que objetos e situações, isto é, tudo o que surge à consciência dos sujeitos, passam pela redução, mas não os atos de consciências, aos quais esses objetos e situações estão relacionados
O terceiro passo	denominado de análise eidética – variação livre imaginativa. Esse passo consiste em que, após assumir a atitude da redução fenomenológica, o investigador centra-se no objeto de estudo, cuja essência, a síntese de significado psicológico, deve ser determinada. Dessa forma, procura-se definir a essência do fenômeno, isto é, a estrutura do significado psicológico, a síntese do sentido da experiência vivida pelos vários sujeitos que



	participarão da investigação, mediante o uso da análise eidética, a variação livre imaginativa. A síntese final de significado psicológico remete a uma generalização eidética dos resultados da investigação. Os resultados eidéticos implicam, igualmente, que o que conta para a generalização dos resultados finais da investigação seja o número de vezes que o fenômeno, objeto de estudo, se repete ao longo dos protocolos de investigação, não o número de sujeitos que participaram da pesquisa.
--	--

QUADRO 1 – PASSOS DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO PRECONIZADO POR GIORGI
FONTE: GIORGI, A.; SOUZA, D. Método fenomenológico de investigação em psicologia. Lisboa: Fim do Século, 2010.

Método fenomenológico psicológico de Giorgi

Amedeo Giorgi, seguindo a mesma proposta do método fenomenológico de investigação em Psicologia, sistematizou um método constituído por uma componente descritiva, configurado por quatro passos (Quadro 2), explicitado em seguida:

1º Passo: <i>Estabelecer o sentido do todo</i>	após a transcrição, o primeiro, e único, objetivo é apreender o sentido geral do protocolo. Nesta fase, o investigador pretende apenas ler calmamente a transcrição completa da entrevista, onde o investigador coloca-se na atitude de redução fenomenológica. Não pretende focar-se em partes fundamentais, não coloca hipóteses interpretativas, apenas, ter uma compreensão geral das descrições realizadas pelo sujeito. Aqui, o objetivo principal é obter um sentido da experiência na sua globalidade
2º Passo: <i>Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado</i>	o investigador retoma a leitura do protocolo, com um segundo objetivo: dividi-lo em partes mais pequenas. A divisão tem um intuito eminentemente prático. A divisão em partes, denominadas Unidades de Significado, permite uma análise mais aprofundada. Como o objetivo é realizar uma análise psicológica e como a finalidade última da análise é explicitar significados, usa-se esse tipo de análise como critério de transição de sentido para a constituição das partes (unidades de significado)
3º Passo: <i>Transformação da Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico</i>	a linguagem cotidiana da atitude natural dos participantes sofre transformação. A partir da aplicabilidade da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética, a linguagem de senso comum é transformada em expressões que têm como intuito clarificar e explicitar o significado psicológico das descrições dadas pelos



	participantes. O objetivo do método é selecionar e articular o sentido psicológico da vivência dos participantes em relação ao objeto da investigação. Mantendo a linguagem descritiva, o investigador deverá ser capaz de expressar e trazer à luz significados psicológicos, que estão implícitos nas descrições originais dos sujeitos. É também nesse momento que a inter-relação entre as partes e o todo sobressai como instrumento metodológico
4º Passo: <i>Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos</i>	o pesquisador, fazendo uso da variação livre imaginativa, transforma as unidades de significado em uma estrutura descritiva geral. A descrição dos sentidos mais invariantes, denominados constituintes essenciais da experiência, contidos nas unidades de significado, assim como das relações que existem entre estes últimos, resulta na elaboração de uma estrutura geral. O importante é que a estrutura resultante expresse a rede essencial das relações entre as partes, de modo a que o significado psicológico total possa sobressair-se. O passo final do método envolve uma síntese das unidades de significado psicológico.

QUADRO 2 – PASSOS DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO PSICOLÓGICO DE GIORGI

FONTE: GIORGI, A.; SOUZA, D. Método fenomenológico de investigação em psicologia. Lisboa: Fim do Século, 2010.

Obtenção dos dados

É utilizada a entrevista fenomenológica, na qual o critério fundamental é, tanto quanto possível, obter descrições tão detalhadas e concretas das experiências dos participantes. O pesquisador deverá certificar-se da adequabilidade das descrições, assegurar quando a partir destas é possível gerarem-se diferentes estruturas de significados de caráter psicológico sobre o tema de estudo. Para isso, torna-se importante a descrição ser específica e concreta tanto quanto possível, relacionada não tanto ou apenas com racionalizações apresentadas pelos participantes da pesquisa, mas com a subjetividade incorporada, tal como é experienciada na vida cotidiana (GIORGI & SOUZA, 2010)

A entrevista fenomenológica

O objetivo da entrevista de natureza qualitativa é o de obter descrições do mundo experiencial, do mundo da vida do entrevistado e suas explicações de



significados sobre os fenômenos descritos. Assim, o objetivo de uma entrevista de pesquisa e/ou investigação, no domínio da investigação fenomenológica, é uma descrição tão completa quanto possível da experiência vivida dos participantes sobre um determinado fenômeno de estudo.

À guisa de considerações finais

A Fenomenologia trouxe contribuições muito profundas à Psicologia e, a nosso ver, especificamente no que concerne tanto à clínica quanto a pesquisa, foi retirar o homem da condição de objeto simples e puro. Trabalhar com o método fenomenológico impele ao profissional e ao pesquisador a olhar de forma mais pluridimensional o contexto em que está alocado.

No que é específico à pesquisa, a fenomenologia não poderá ter seus pressupostos epistemológicos contrariados por um modelo metodológico; entretanto, temos de adentrar cada vez mais na pesquisa a partir deste método estabelecendo diálogo com a ciência psicológica mais ampla. A partir de seus saberes, pode-se alavancar as discussões não somente na relação terapêutica, propiciando a experiência de atitude ética e dialógica em pesquisa, indo além da visão tecnicista, prescritiva e objetificante. Precisamos ultrapassar modelos inflexíveis e redundantes de fazer ciência. E para isso, a fenomenologia nos lança em busca da compreensão do humano e, principalmente, do movimento intersubjetivo, fundamento das relações humanas.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, 13(1), Campinas, p. 5-10, 1996.

AMATUZZI, M. M. Pesquisa fenomenológica em Psicologia. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e pesquisa fenomenológica: Reflexões e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Ômega, 2011. p. 15-22.

ANDRADE, C. C.; HOLANDA, A. F. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, 27(2), Campinas, p. 259-268, 2010

CASTRO, E. H. B. **A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger**. 182p. 2009. Tese (Doutorado) – Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto, USP, 2009.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

FEIJOO, A. M. L. C. As diferentes etapas da psicopatologia fenomenológica. In: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. M. F. **Psicopatologia: fenomenologia, literatura e hermenêutica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ifen, 2015

FERNANDES, M. A. Do cuidado da Fenomenologia à Fenomenologia do cuidado. In: PEIXOTO, A. J. (Org.). **Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares**. Curitiba: Juruá, 2011. p. 17-32.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. (Apostila).

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

GIORGI, A.; SOUZA, D. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim do Século, 2010.

GOMES, W. B. **Fenomenologia e pesquisa em Psicologia**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante -11. ed. Petrópolis : Vozes, 2013, 580p.

HOLANDA, A. F. **Fenomenologia e Humanismo: reflexões necessárias**. Curitiba: Juruá, 2014.

HOLANDA. Fenomenologia e psicologia: diálogos e interlocuções. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 15(2), p. 87-92, 2009.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos**. 5.ed. São Paulo: Moraes, 2005.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

PEIXOTO, A. J. Corpo e Existência em Merleau-Ponty. In: TOURINHO, C. D. C.; BICUDO, M. A. V. (Orgs.). **Fenomenologia: influxos e dissidências**. Rio de Janeiro: Booklink, 2011. p. 156-168.

PEREIRA, D. G.; CASTRO, E. H. B. O método fenomenológico de pesquisa em Psicologia. In: CASTRO, E. H. B. (Org.). **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa**. Curitiba: Appris, 2017. p. 43-47.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

SANTOS, G. A. O. **Terapia fenomenológico-existencial nas comunidades populares:** por uma terapêutica hilética e brasileira situada. 1. ed. Curitiba: CRV, 2016.

TATOSSIAN, A. **A fenomenologia das psicoses.** São Paulo: Escuta, 2016.

TATOSSIAN, A. & MOREIRA, V. **Clínica do Labenswelt, psicoterapia e psicopatologia fenomenológica.** São Paulo: Escuta, 2012.

TEIXEIRA, J. A. C. **100 anos da Psicopatologia Geral de Karl Jaspers.** Lisboa: Ispa, 2014.

TOURINHO, C. D. C. A Fenomenologia transcendental de Husserl: notas sobre a história do pensamento fenomenológico. In: TOURINHO, C. D. C.; BICUDO, M. A. V. (Orgs.). **Fenomenologia: influxos e dissidências.** Rio de Janeiro: Booklink, 2011. p. 24-39.

VALLE, E. R. M. A Fenomenologia para a pesquisa psicológica. In: E. R. M. Valle (Org.). **Câncer Infantil: compreender e agir.** Campinas: Editorial Psy, 1997. p. 27-56.

VALLE, E. R. M. **Psico-oncologia Pediátrica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 120 p.

VALVERDE, A. **Ruptura, Solidão e Desordem: Ensaio sobre a fenomenologia do delírio.** São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2011.

VIDOTTI, J. de F. **Descobrendo o câncer de mama: uma compreensão fenomenológica das vivências do processo de comunicação diagnóstica.** 183 p. 2017. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP, 2017.

Recebido: 20/9/2020. Aceito: 8/12/2020.

Autores

Denis Guimarães Pereira - Mestre em Psicologia pelo PPGPSI/UFAM. Docente do Curso de Especialização em Psicologia Clínica de base fenomenológica no Instituto Vision/Manaus. Docente do curso de graduação em Psicologia da Universidade Paulista/Manaus. E-mail: denis.guimaraes33@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1297-4753>

Ewerton Helder Bentes de Castro - Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Docente do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia FAPSI/UFAM. Coordenador do Labfen. E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>